

MIA COUTO

# Sombras da água



Copyright © 2016 by Mia Couto e Editorial Caminho SA, Lisboa

*A editora manteve a grafia vigente em Moçambique, observando as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.*

A revisão para as línguas indígenas de Moçambique foi feita por Afonso Silva Dambile.

*Capa*

Alceu Chiesorin Nunes

*Ilustração de capa*

Marcelo Cipis

*Mapa*

Sônia Vaz

*Preparação*

Adriane Piscitelli

*Revisão*

Ana Maria Barbosa

Viviane T. Mendes

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Couto, Mia

Sombras da água: as areias do imperador: uma trilogia moçambicana, livro 2 / Mia Couto — 1<sup>a</sup> ed — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

ISBN 978-85-359-2804-4

1. Ficção moçambicana (Português) i. Título. ii. Série.

---

16-06986

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura moçambicana em português 869.3

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

## Sumário

Resumo do livro I .....	9
O imperador .....	11
1. Águas sombrias .....	13
2. Primeira carta do tenente Ayres de Ornelas.....	25
3. Uma igreja por baixo de outra igreja .....	31
4. Primeira carta do sargento Germano de Melo.....	43
5. Deuses que dançam .....	49
6. Segunda carta do tenente Ayres de Ornelas.....	57
7. Os luminosos frutos da árvore noturna.....	67
8. Terceira carta do tenente Ayres de Ornelas.....	75
9. Uma idade sem tempo .....	79
10. Segunda carta do sargento Germano de Melo ....	89
11. O roubo da palavra de metal.....	97
12. Terceira carta do sargento Germano de Melo .....	105
13. Entre balas e setas.....	115
14. Quarta carta do tenente Ayres de Ornelas .....	123
15. Mulheres-homens, maridos-esposas.....	129
16. Quinta carta do tenente Ayres de Ornelas .....	135
17. Quarta carta do sargento Germano de Melo .....	139
18. Uma missa sem verbo .....	147
19. Quinta carta do sargento Germano de Melo .....	159
20. As sombras errantes de Santiago da Mata .....	167

21. Sexta carta do sargento Germano de Melo .....	177
22. Um gafanhoto degolado .....	187
23. Sétima carta do sargento Germano de Melo .....	195
24. Uma lágrima, duas tristezas .....	199
25. Oitava carta do sargento Germano de Melo .....	205
26. Uma líquida sepultura .....	213
27. Nona carta do sargento Germano de Melo.....	221
28. O divino desencontro .....	231
29. Décima carta do sargento Germano de Melo .....	237
30. Sexta carta do tenente Ayres de Ornelas.....	245
31. Um hospital num mundo doente .....	249
32. Sétima carta do tenente Ayres de Ornelas .....	259
33. Maleitas imperiais .....	265
34. Décima primeira carta do sargento Germano de Melo .....	275
35. O abutre e as andorinhas .....	283
36. Décima segunda carta do sargento Germano de Melo .....	291
37. A noiva adiada.....	299
38. Oitava carta do tenente Ayres de Ornelas.....	309
39. Um telhado ruindo sobre o mundo .....	319
40. Décima terceira carta do sargento Germano de Melo .....	327
41. Quatro mulheres face ao fim do mundo.....	335
42. Décima quarta carta do sargento Germano de Melo .....	343
43. Tudo o que cabe num ventre .....	355
44. Décima quinta carta do sargento Germano de Melo .....	365
45. O rio derradeiro.....	373

## Resumo do livro I

A maior parte do sul da colónia portuguesa de Moçambique está, no final do século XIX, ocupada pelo Estado de Gaza. Em 1895, o governo colonial português lança uma ofensiva militar para afirmar o seu domínio absoluto na colónia então disputada por outras nações europeias. O rei do Estado de Gaza, nessa altura, é Ngungunyane (que os portugueses conhecem como Gungunhana).

Nesse contexto de guerra, o jovem sargento português Germano de Melo é enviado para ocupar um posto militar numa aldeia chamada Nkokolani, localizada no território da etnia Vatxopi (que os portugueses conhecem como txopes). Os Vatxopi são um povo ocupado e massacrado pelo domínio dos Vanguni e que estabeleceram, por essa razão, uma aliança de cooperação militar com as autoridades portuguesas.

No posto de Nkokolani, Germano apaixona-se por Imani, uma jovem Vatxopi educada pelos portugueses numa missão católica dirigida pelo sacerdote de origem goesa, Rudolfo Fernandes.

A guerra precipita uma série de eventos dramáticos na família de Imani; em poucos meses o irmão Dubula é morto, e a mãe enforca-se na árvore sagrada do seu quintal. Sobrevivem o pai Katini Nsambe, que é músico, e Mwanatu, um rapaz com problemas mentais a quem, por compaixão, Germano atribui a guarda do seu posto militar.

Para vencer a solidão, o sargento Germano escreve uma série de cartas para o tenente Ayres de Ornelas. Uma amiga do sargento, a italiana Bianca Vanzini Marini, vem visitar Nkokolani. Dias depois um disparo atinge as mãos de Germano, que se defendia de uma turba marchando sobre o quartel, à frente da qual se encontrava Mwanatu, o débil irmão de Imani. Imani, numa situação extrema, usa a arma para defender o irmão. O pai Katini, Imani, Bianca e Mwanatu transportam de urgência o sargento ferido para a margem do rio Inharrime, onde se localiza o único hospital da região que pode salvar o português.

## O imperador

Levaram-no para além do mar,  
onde os corpos se igualam aos corais.

Assim se esqueceu  
dos ossos que lhe pesavam.

Não pisou na praia  
quando partiu.

Uma onda o devolverá, disseram.  
Estremeceram uns, desamparados.  
Outros suspiraram, aliviados.

Puseram-lhe sal no nome  
para que cuspíssemos na sua memória.

Mas a saliva  
ficou presa na garganta.

Naquele exilado  
afastávamo-nos  
de quem éramos.

Aquele morto  
éramos nós.

E sem ele  
nasceríamos  
menos sós.

## Águas sombrias

*Não direi  
que o silêncio me sufoca e amordaça.  
Calado estou, calado ficarei  
pois que a língua que falo é de outra raça.*

José Saramago, Poema de boca fechada

Tudo começa sempre com um adeus. Esta história principia por um desfecho: o da minha adolescência. Aos quinze anos, numa pequena canoa, eu deixava para trás a minha aldeia e o meu passado. Algo, porém, me dizia que, mais à frente, iria reencontrar antigas amarguras. A canoa afastava-me de Nkokolani, mas trazia para mais perto os meus mortos.

Há dois dias que tínhamos saído de Nkokolani subindo até à nascente do rio em direção a Mandhlakazi, terra que os portugueses chamavam de Manjacaze. Viajávamos com o meu irmão Mwanatu à frente e o meu velho pai na popa. Na canoa seguiam, além dos meus familiares, o sargento Germano de Melo e a sua amiga italiana Bianca Vanzini.

Sem pausa, os remos golpeavam o rio. E tinha que ser assim: conduzíamos Germano de Melo ao único

hospital em toda a região de Gaza. O sargento vira as mãos despedaçadas num acidente de que eu fora responsável. Disparara sobre ele para salvar Mwanatu que caminhava à frente de uma multidão prestes a assaltar o quartel defendido pelo solitário Germano.

Era imperioso apressarmo-nos para Mandhlakazi, onde trabalhava o único médico em toda a nossa nação: o missionário Georges Liengme. Os protestantes suíços escolheram com critério um local para erguer o hospital: junto da corte do imperador Ngungunyane e longe das autoridades portuguesas.

O remorso pesou sobre mim durante toda a viagem. O tiro desfizera uma boa parte das mãos do português, aquelas mesmas mãos que eu, tantas vezes, ajudara a renascer dos delírios que o afigiam. Os másculos dedos com que tanto sonhara tinham-se evaporado.

Durante todo o caminho mantive os pés submersos no fundo encharcado da canoa, onde a água havia-se tingido de vermelho. Diz-se que morremos por perder sangue. É o inverso. Morremos afogados nele.

O nosso barco progredia com o vagaroso silêncio de um indolente crocodilo. As águas do Inharrime estavam tão imóveis que, por um momento, pareceu-me que não era a canoa, mas o próprio rio que flutuava. A esteira prateada que íamos deixando para trás serpenteava como um risco de água por entre as terras dos Vatxopi. Debrucei-me a espreitar os irrequietos reflexos sobre a areia do leito, incansáveis borboletas de luz.

— *São as sombras da água* — disse o meu pai, pousando o remo sobre os ombros.

Repousava os braços nessa improvisada trave. O meu irmão Mwanatu mergulhou as mãos na água e, enrolando a língua, proferiu uma mistela de sons que traduzi assim:

— *Diz o mano que este rio se chama Nyadhimi. Os portugueses é que lhe mudaram o nome.*

O meu pai, Katini Nsambe, sorriu condescendente. Tinha outro entendimento. Os portugueses estavam, dizia ele, civilizando a nossa língua. Para além disso, não se podia pedir pureza a quem batiza as águas. Pois mesmo nós, os Vatxopi, vamos mudando de nome ao longo da vida. Sucedera comigo quando transitei de Layeluanne para Imani. Para não falar do meu irmão Mwanatu, sobre o qual derramaram águas sagradas para o lavar dos seus três nomes anteriores. Três vezes o batizaram: na primeira nascença, com o “nome dos ossos”, que o ligava aos antepassados; com o “nome da circuncisão”, quando o sujeitaram aos ritos de iniciação; e com o “nome dos brancos”, conferido à entrada da escola.

E voltou o meu pai ao assunto: tratando-se de um caudal de água, por que motivo nos custava tanto aceitar a vontade dos portugueses? Para o rio Inharrime, concluiu, haviam inventado dois nomes porque duas águas corriam num mesmo leito. Revezam-se, por turnos, consoante as luzes: um rio diurno; outro noturno. E nunca fluíam juntos.

— *Foi sempre assim, cada um na sua vez. Agora, por causa da guerra, é que as águas se confundem.*

No local onde confluem o Inharrime e o Nhamuende existe uma pequena ilha coberta de árvores e

rochedos. Ali fizemos paragem. Meu pai deu ordem para que abandonássemos o barco. Não esperei que a canoa tocasse a margem. Mergulhei nas águas tépidas, deixei que o rio me abraçasse e a corrente me arrastasse. Regressaram-me as palavras de Chikazi Makwakwa, minha falecida mãe:

— *Dentro de água sou ave.*

Diz-se dos mortos que são sepultados. Mas ninguém nunca lhes enterra a voz. Vivas se guardavam as palavras da minha mãe. Há poucos meses ela se tinha lançado de uma árvore, usando mais nada senão o próprio peso para se suicidar. Ficou pendendo de uma corda, baloiçando como um perpétuo coração noturno.

A ilha onde nos detivemos servia não apenas de paragem mas também de refúgio. À nossa volta a guerra fazia o mundo arder. Amparado na sua amiga italiana, Bianca, o português pediu um lugar à sombra. Disseram-lhe, delicadamente, que o sol há muito se tinha escondido. Andou uns passos e tombou sobre os joelhos.

— *Foi ela que me matou!* — gritou, apontando para mim. — *Foi ela, essa puta.*

Poupasse forças, recomendaram-lhe. A italiana deu-lhe de beber e, com uma mão cheia de água, refrescou-lhe o rosto. Para minha surpresa, Bianca assumiu a minha defesa. Convictamente, argumentou: o malfadado projétil não tinha sido disparado por mim, mas pelos negros que assaltaram o quartel. O português manteve a acusação, inabalável: era eu a autora do crime, ele estava mesmo à minha frente. E a italiana ripostou: era verdade que eu havia disparado, mas o alvo tinha sido outro. E acrescentou: não fosse aquele tiro e o sargento

já não constaria do mundo dos vivos, massacrado pela multidão em fúria.

— *Imani salvou-te. Deves estar-lhe grato.*

— *Melhor fora que me tivessem dado um segundo tiro, mais certeiro.*

E logo a fala se lhe entaramelou, a febre tomando conta da sua alma. Bianca ajudou a que ele se deitasse. Fez-me, depois, um sinal para que eu tomasse o seu lugar. Hesitei. Escutei a súplica, quase exangue, de Germano:

— *Venha, Imani. Venha aqui.*

Contrariada, obedeci enquanto Bianca se afastava. A ruidosa respiração do português calava o rumor do rio. Da minha sacola retirei um velho caderno que depositi no chão como almofada. Há muito que o sargento dispensava travesseiro. Podia ser a sua velha e esfarelada Bíblia, podiam ser folhas arrancadas do caderno que usava para escrever. A verdade é que apenas um papel lhe acomodava o sono.

Dessa feita, porém, rejeitou a improvisada almofada. Olhou-me com estranheza e resmungou, reclamando que não me queria perto. Quando fazia menção de me retirar, sacudiu violentamente os pés como fazem as crianças contrariadas. *Fica comigo*, pediu. De novo acatei. E o homem apoiou a cabeça sobre as minhas pernas.

Imóvel, quase sem respirar, deixei que me contemplasse. Adivinhava os seus olhos febris pousando no meu peito, no pescoço, nos lábios. Até que balbuciou algo quase ininteligível:

— *Dá-me um beijo, Imani. Dá-me um beijo que eu quero morrer. Morrer na tua boca.*

Durante anos fora assim: em plena estiagem o meu avô semeava grãos de milho, em grupos de três, no solo ressequido e morto. A avó chamava-o à razão como se razão pudesse haver numa vida que é mais árida que o deserto. E o marido respondia:

— *É a chuva que estou a semear.*

Exímio tocador de marimba, o meu pai nunca se afeiçoou aos lavores agrícolas. Agora, na pequena ilha em que repousávamos, os seus dedos faziam o que sempre fizeram: tamborilavam a areia como se em tudo visse sonantes teclas. Mas era uma música feita apenas de silêncio, uma desesperada mensagem para alguém que, na margem do rio, soubesse escutar o chão.

Mas já ninguém escutava a terra: em toda a região, soldados de Portugal e de Ngungunyane preparavam-se para o embate final. Não era a vitória o que mais os motivava. Era o que se seguiria. O mágico desaparecimento dos que antes foram os inimigos, a retificação de um erro na obra divina. O meu avô plantava impossíveis sementes. O meu pai embalava com os dedos o sono dos que na terra dormem.

Essa era a triste ironia do nosso tempo: enquanto em desespero procurávamos salvar um soldado branco, a poucos quilómetros dali se instalara um matadouro para milhares de seres humanos. No cruzar desses cegos rancores, nós, os Vatxopi, éramos os mais vulneráveis. Ngungunyane tinha jurado exterminar os da nossa raça como se fôssemos bichos que Deus se arrependera de ter criado. Estávamos entregues à proteção dos portugueses, mas esse amparo estava sujeito a temporários acordos entre Portugal e os Vanguni.

O sargento Germano de Melo era uma dessas cria-

turas que viera do outro lado do mundo para me proteger. Em menina eu acreditava que os anjos eram brancos e de olhos azuis. Aquela aguada coloração era para nós um sinal de que eram cegos. Recém-chegado à África, o padre Rudolfo era contido quando me respondia sobre o que sabia das criaturas celestiais.

— *Não conheço os anjos do lado de cá. Garantem que têm asas, mas só diz isso quem nunca os viu...*

De uma coisa eu estava segura: o meu anjo seria branco e de olhos azuis. Como esse sargento que, anos depois, se apoiava no meu colo. Os panos em redor dos braços eram as suas asas rasgadas. Esse era um mensageiro noturno. Apenas no escuro se lembrava da mensagem de que era portador. Esse recado divino dormia agora entre os seus lábios. Obedeci à sua súplica. E debrucei-me sobre a sua boca.

Mais desperto e menos queixoso, Germano saiu do entorpecimento para segredar ao meu ouvido:

— *Rasga as folhas do caderno e espalha-as à nossa volta.  
Vamos fazer uma cama.*

Lentamente, estraçalhei umas tantas páginas e, quando me preparava para as espalhar sobre o solo, suspendi o gesto, hesitante:

— *E onde vai escrever as cartas para os seus superiores?  
Não tenho nenhum superior. Sou o último soldado de um exército que nunca existiu.*

Era tudo uma invenção, a começar pelo quartel de Nkokolani. Até o meu irmão Mwanatu, com a sua farda falsa e a sua imitação de espingarda, era um militar mais real do que ele.

— *Acho que se esqueceram de si* — tentei, como um consolo.

— *Há muito que recebi ordens para regressar a Lourenço Marques.*

— *E por que não foi?*

— *Não estou em África porque se esqueceram de mim*

— disse Germano. — *Estou aqui porque me esqueci deles.*

— *Não entendo.*

— *Estou aqui por tua causa.*

Senti passos no capim. Procuravam por mim. E es-  
cutei meu pai a dispersar os seus companheiros:

— *Imani está a tratar do português, deixemo-los tran-  
quilhos.*

Vozes e risos foram-se afastando, esbatendo-se no  
escuro.

Voltámos, enfim, ao barco onde éramos esperados. Fui repreendida pelo longo e ruidoso suspiro de Bianca. E partimos rumo a Sana Benene. Esse lugar, na margem do Inharrime, não era exatamente um povoado. Com o advento da guerra, dezenas de refugiados se instalaram ao redor da igreja que os portugueses há muito ali haviam edificado.

Na primeira curva do rio, um enorme susto por pouco não arruinou a nossa viagem. Em direção oposta, deslizando a favor da corrente, surgiu um monstro imenso e brilhante. A colossal criatura sulcava as águas, silenciosa e flamejante como um pedaço de sol. Lentamente se aproximou como um metálico crocodilo ocupando-nos, primeiro, os olhos e, depois, a alma.

— *É o nwamulambu!* — segredou, aterrorizado, o

nosso pai. — *Ninguém fale, ninguém olhe de frente para ele.*

Aquela mítica criatura das águas não podia ser enfrentada sob o risco de nos secarem os olhos e definhar o cérebro. Aquele deus dos rios que convoca os sismos e traz a chuva não podia ser perturbado. O meu irmão benzeu-se, o meu pai foi remando com mil cuidados, evitando o mínimo ruído. E pensei: os rios já foram nossos irmãos, costurando uma líquida teia que nos protegia. Agora aliaram-se aos nossos inimigos. E tornaram-se serpentes de água, tortuosos caminhos por onde viajavam anjos e demónios.

Aquele assombrado encontro foi breve. Dentro de mim, porém, perdurou uma premonição funesta. Felizmente ninguém poderia notar a nossa presença: a canoa passava desapercebida. O sargento viajava deitado na embarcação, a branca Bianca dormia oculta sob uma capulana. Visíveis, apenas nós, os três negros. Tranquilizei-me: para todos os efeitos éramos uma canoa de pescadores locais. Nada podia despertar suspeita, nada podia desarrumar os espíritos do rio.

Quando reabri os olhos, o *nwamulambu* tinha-se esbatido na neblina e voltámos a respirar. Bianca despertou a tempo de ainda o descortinar à distância. Ainda espreitou a ver se na amurada da estranha criatura fluvial se vislumbrava o carismático Mouzinho de Albuquerque. Mas a embarcação dobrava a curva do rio e a italiana soltou uma gargalhada:

— *Um monstro, aquilo? Aquilo é um blocausse.*

O que tanto nos assustara não passava de uma dessas jangadas fortificadas que os portugueses usavam para sulcar os rios do Sul. Foi o que Bianca explicou. Essa

construção apresentava-se assim brilhante porque era feita de chapas de zinco que assentavam sobre uma estrutura de madeira. Ali se protegiam os soldados brancos, evitando as emboscadas dos negros revoltosos. Ocultos na vegetação das margens, os guerreiros africanos alvejavam as lanchas. A espessa floresta era um território impenetrável para os portugueses. Apenas a gente local conhecia os atalhos no meio do lodo e das grandes raízes que, como uma construção às avessas, emergiam dos troncos. Esses caminhos abriam-se por vontade dos deuses e voltavam a fechar-se depois de cada emboscada.

Mais do que sulcar a superfície da água, a canoa foi rasgando um silêncio espesso. E apenas se escutavam, ao redor do sargento, as moscas, essas antecipadas car-pideiras.

Foi então que vislumbrámos na margem um homem esbracejando. O pai hesitou em parar. Podia ser uma armadilha, naqueles tempos não se podia confiar em ninguém. O intruso continuou brandindo um envelope na mão enquanto gritava pelo nome do sargento Germano. Quando o abordámos, identificou-se: era um mensageiro e vinha do quartel de Chicomo. E trazia aquele envelope para entregar a Germano de Melo.